

DAN (Devir Ancestral) (60')

Taanteatro Cia

Galeria Olido/Sala Paissandu

Saguão de entrada da Sala Paissandu/Galeria Olido : há rastros de alguma floresta/mata espalhados pelo ambiente, folhas e fiapos de paina. Imagens são projetadas na parede.

Fazem parte de uma espécie de libreto visual do solo de Maura Baiocchi, uma das grandes intérpretes-criadores do Brasil.

De maneira poética, estas imagens apontam para o que poderemos ver, agindo sobre nossa percepção, aguçando sentidos, tirando-nos de nosso estado de ter-chegado-ao-teatro. Depois, na sala de espetáculos saberemos que se referem a fragmentos da pesquisa realizada pela artista, mas por ora é muito cedo para isto.

Passos são ouvidos na escada de metal e ao seu som se junta ao de uma algaravia, espécie de *gramelot*, enunciada ao vivo pela intérprete transmutada em personagem-figura mítica de rosto maquiado em preto, corpo vestido de roupa alva como neve.

Do todo destacam-se olhos, voz e pequenos movimentos de se socar o solo com o corpo. Espécies de saudações xamânicas delicada e aleatoriamente são distribuídas por entre as pessoas em atitude de espera, transmutada em atitude de procissão a seguir Baiocchi para o ventre do teatro.

No palco, a ambiência cênica está montada para receber o solo que se desenrolará a partir desta experiência inicial, em espetáculo que “inaugura o ciclo de Ecoperformances da companhia” e como um todo a montagem vai apresentar cuidado criterioso na escolha de elementos de cena e sobretudo, figurinos.

Antes que Maura volte à cena, temos a exibição de mais imagens, que novamente podem ser encarados como elementos pára-

coreográficos em relação a sua performance de sua dança- teatro do Taanteatro, mas que fazem parte do que a companhia chama de realização multimídia, a unir dança, foto-animação, videoenvironmentperformance, poesia, música e instalação cênica.

Todos estes elementos juntos, em que pese à qualidade de cada um deles, evidentemente frutos de pesquisa, trabalho e produção de grande envergadura artística, tornam, no entanto, o espetáculo de dança para o qual todos acorreram um híbrido no qual muitas vezes nos perdemos, sobretudo pela extensão do tempo decorrido para tudo se descortinar.

Toda a parte videográfica que traz à tona a questão do cerrado e de suas “florestas de cabeça para baixo” – os aquíferos do planalto central, responsáveis pelo manancial de água de uma região bem mais vasta do que se poderia imaginar.

Baiocchi está nos vídeos em performance de dança contínua a explicitar, junto a pedras, fontes, veios d água e animais uma investigação corporal de fato realizada em proximidade, ou quase contigüidade com seu objeto de pesquisa, denotando a intensidade de seu trabalho.

Os aquíferos apontam para uma aura de mistério frente a recursos represados no seio da terra árida e as metáforas estéticas deles resultantes estão na cenas da dança de Maura, quando ela, voltando à cena, nos apresenta à maneira de sua dança, o que vinha sendo anunciado em multimídia.

Também estão no título da obra *DAN, Devir Ancestral*, que remete a futuro (vir-a-ser) e passado (o que é fixado como tradição, na cultura, ou hábito/repetição, na natureza), preconizando um *religere* entre ambos, articulados em contínuo mítico pela dança de Maura.

Esta se apresenta-se ao mesmo tempo como minimalisticamente pós-moderna e derramadamente (pré) histórica, em figuras que se

sucedem, até mesmo como história em quadrinhos como feto, mãe, erê, criança, espantalho, deusa, índia, estátua.

Todavia, fica o desejo de ver mais dança nesse híbrido apresentado, no qual algumas vezes se resvala para uma espécie de aula-espetáculo ou comunicação mais completa de pesquisa múltipla, que não poderia esgotar em seus conteúdos em tão curto intervalo de tempo.

Tudo isto coloca em cena de maneira generosa, mas as metáforas se acumulam e perdemos um pouco da possibilidade de estar as conhecendo à maneira da dança.

A saga contida nesta “ecoperformance” carrega para a cena novas facetas de personagens ancestrais de uma grande bailarina, desde sempre conectada com a pulsação da arte contemporânea a partir de sua topologia íntima, da qual faz parte um solo de origem, neste caso o cerrado.

Um momento de recepção único para jovens gerações, momento de reflexão para o público mais experiente, vivência anímica e emotiva para aqueles que quase nunca podem ver dança.